

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e communicados. 50 »
Repetições 25 »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

Os legitimistas

III

Os tres estados na antiga monarchia, e na actual uma só assembléa representativa, eis duas formas do mesmo principio de governo, que não muda nos dois regimens, com a differença, que a primeira corresponde aos direitos diversos e desiguales das tres classes, nobreza, clero e povo: a segunda aos direitos e interesses communs a todas ellas, e que hoje as nivelam. Os tres estados não estão em relação com a sociedade moderna. São hoje uma chimera.

A tão popular revolução de 1820, tão bem aceita em todo o paiz, inaugurou o systema liberal, as suas côrtes foram um modelo, e deixaram honrosa memoria.

Por ella ficaram abolidos os tres estados, já obsoletos, acto que não podia vir do rei, mas sim da nação como veio.

D. João VI, proximo a fallecer, nomeou uma regencia a que presidia a sr.ª D. Izabel Maria, declarou successor ao throno o sr. D. Pedro IV, actos illegaes, se as côrtes são necessarias para sancional-os, mas legaes e indiscutíveis, se o soberano é absoluto, e de direito divino como voltou a ser em 23.

Assim os legitimistas se contradizem, quando no manifesto de D. Miguel consideram independente e absoluto o poder real, e ao mesmo tempo a necessidade dos tres estados para legitimarem aquellos actos.

Se o direito dos seis é divino não podem elles aceitar pactos com as nações, nos quaes o limite. As côrtes, n'esse caso, só podem ser consultivas, e ainda como taes não se harmonisam com a *sciencia certa*, dom superior *annexo* á soberania absoluta.

O sr. D. Pedro IV desfez a regencia collectiva, que passou a ser individual na pessoa da intacta, e outorgou uma constituição que foi elogiada pelos publicistas da epocha.

Se estes actos são illegaes, como nós os julgamos, a carta de 26 foi contudo jurada e aclamada no meio das manifestações em seu fauq que foram geraes, espontaneas e ruidosas; as côrtes seguintes, pacificamente eleitas, tudo sancionaram.

Sucedeu o mesmo com Affonso III, estrangeiro pelo seu consorcio com a condessa de Bolonha. Negam a paridade os realistas, porque foram os tres estados, que depois o reconheceram.

Os tres estados são apenas uma forma, porque a vontade da nação se manifesta, esta forma *de per si* não tem direito algum contra a vontade nacional, que duas vezes em 1820, e 1826, se manifestou por outra forma, e a legalizou. E não se envergonham de invocarem um absurdo tão ridiculo.

Diz o famoso manifesto de D. Miguel:

«As leis de Portugal e do Brazil davam-lhe a qualidade de princeza estrangeira. Os filhos de meu irmão são chamados á successão da corôa do Brazil pelos art. 118 e 119 das instituições d'aquelle imperio, e pelo art. 6.º

eram considerados brasileiros os que residiam dentro d'elle.

«E segundo as Orb. do Reino Livro 2.º T. 55 § 3.º, os naturaes que foram estabelecer-se em paiz estranho, ficam sendo estrangeiros, como os seus filhos, que nasceram fora do reino.»

A senhora D. Maria II nasceu antes da independencia do Brazil, nasceu portugueza, não nasceu fora do reino para lhe ser applicavel a Ob. citada, e nem os actos de seu pai, nem os artigos da constituição do Brazil, podiam prejudicar os seus direitos adquiridos, nem mesmo quando ella expressamente os renunciasse; porque era ainda menor a esse tempo.

E se os direitos da primigenitura se julgam divinos, componentes da legitimidade, então são superiores a todos as convenções humanas, côrtes antigas e modernas, que possam restringil-os e muito menos tolhel-os em D. Pedro ou em sua filha.

Vê-se que os legitimistas não fazem caso da legitimidade

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

1832 a 1833

O Cerco do Porto

AS REFORMAS LIBERAES

XI

Quem lêr este pequeno esboço da nossa historia desde 1820 a 1833 fará um juizo perfeito creio, eu, das phases politicas n'esse periodo agitado.

Sendo os factos descriptos muito vagamente, sem as circumstancias, em que se produziram, e que os reduzem ao seu justo valor e lhes dão uma significação precisa, illudem até os espiritos mais reflectidos. E' por isso que voltamos atraz para determinarmos bem o que foi a revolução de 20, porque por ahi se explicam muitos successos ulteriores e o proceder de certos agentes que mal se avaliavam.

Foi muito popular essa revolução, como todos sabem, o seu grito echoou em todo o paiz—as provincias e não tardou a capital adherir ao movimento iniciado no Porto—os chefes dirigem-se a Lisboa, onde entram em triumpho—e foi notavel a espontaneidade com que se concorreu aos actos eleitoraes.

Apenas installado o governo provisorio tratou este da formação das Côrtes—mas uns queriam a eleição directa, outros a indirecta, e até se fosse possível, o systema dos Tres-Estados—e aqui já começam a delinear-se os dois partidos, conservador, e progressista.

E foram os progressistas que exaltados, *recorrendo ás armas*, e distribuindo a artilheria pelas ruas com os murrões accessos, proclamam a constituição hespanhola de 1812.

Alguns membros do governo demittem-se, muitos officiaes recusam o serviço—além d'outras manifestações de serio descontentamento.

Por fim acabam as divergencias, e aceitam uns e outros da constituição hespanhola apenas a

eleição indirecta, e em quanto ao mais, o que decidissem as Côrtes.

Dos que haviam tomado mais calor pelas eleições directas foram alguns perseguidos, o que era impolitico e bem pouco liberal. D'ahi resultou, que estes e muitos outros se tornaram para o partido absoluto, como os Silveiras, familia rica e influente, que se havia pronunciado pela revolução—(note-se).

Influíram as sociedades secretas, e outras, que o não eram, na escolha dos deputados, que se mostraram respeitaveis pelo seu saber, a dignidade na assembléa representativa—porém esta manifestou pelos seus decretos um espirito dominador, exigente de mais em relação ao tempo, e fez perder muito á causa, em que se empenhava.

A nobreza e o clero, decahidos dos seus antigos poderes, o povo, ou o terceiro estado, sem autonomia, e cujas camaras já não eram eleitas livremente, mas nomeadas pelos corregedores com a sanção do Desembargo do Paço, não davam ás antigas côrtes a sua razão de ser—as altas classes, já não possuíam senão a influencia moral, mas esta attenuada pelos vexames dos dizimos e dos direitos banaes intoleraveis—que empobreciam o paiz. A revolução pois achou na classe media e popular o desejo da desforra, mas ainda abafado nas aldeias pelo respeito ás tradições, pelos habitos, e ainda por certos terrores religiosos incutidos por quem n'elles interessava.

O Congresso nacional, que se denominou soberano, se impoz ao rei ausente no Brazil e aos ministros, a quem justamente accusava da anterior denominação ingleza.

Porém surgiam-lhe as difficuldades de todos os lados—principalmente da parte dos governos extranhos já dispostos a contrariarem as tendencias democraticas, e portanto os actos das Côrtes portuguezas.

Appareceu tambem a discordia nas sociedades secretas, que já admittiam sem excepção todos os que desejavam pertencer-lhes, e o receio de que as patrioticas se convertessem em *clubs* terriveis á imagem dos de 93 em França afugentou muitos, que se filiaram no partido adverso.

O Congresso excedeu-se sem attender ás condições em que se encontrava; não quiz aceitar a constituição moderada então em vigor em França, e resolveu estabelecer.

1.º uma só camara legislativa.
2.º o *veto* restricto do rei, apenas suspensivo.

3.º uma deputação permanente, velando pelas leis constitucionaes—podendo convocar por direito proprio as Côrtes.

4.º o conselho d'Estado, com a nomeação do rei, mas sobre a lista proposita pela camara.

5.º e por esta tambem a nomeação dos ministros.

6.º sem que podessem apparecer no parlamento, senão quando fossem chamados a darem conta dos seus actos.

O congresso chegou a propôr, que se lavrasse um protesto contra a intervenção da Austria nos negocios internos de Napoles e do Piemonte.

Era uma provocação, uma grande inconveniencia n'esse tempo.

Em Março de 1821 recusando o patriarcha jurar sem reserva as bases da Constituição, deportou-o para o Bussaco, exilio suave, mas desconsiderante para a auctoridade suprema da egreja lusitana, então de muito mais prestigio do que hoje.

D'ahi novos descontentes no clero.

De certo que era de pouco senso politico assim impôr-se ao rei, e os ministros, invocando exemplos e theorias da revolução franceza—e não eram menos imprudentes as suas ordens orgulhosas em relação ao Brazil, em plena effervescencia d'emancipação, que mais o determinaram a separar-se.

(Continúa.)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

THIERS

Como historiador e homem d'estado

(183)

VI

Portanto o politico em Thiers é o mesmo que o historiador: ha sempre uma certa unidade em todas as manifestações do mesmo individuo.

Quizeramos que na sua historia nos mostrasse se Napoleão I: 1.º Preparou as circumstancias de sua elevação, e se contribuiu para modificar o estado social e politico da França.

2.º Se na sua obra houve o que se chama—creação—se acrescentou ao que o produziu o movimento revolucionario de 93, ou se foi apenas um dominio violento e esteril, apoiado nas armas.

3.º Que meios empregou na sua acção material, exterior, improductiva.

OS OLHOS DE...

Gosto de ver os teus olhos.
Quando pareces pensar;
Meio abertos, assombrados,
Sem muita luz derramar.

Gosto de vel-os radiantes,
Espargindo almo fulgôr:
E nos peitos embebendo,
Alegria, vida e amor.

Tambem gosto quando exprimem.
A ternura, a compaixão;
E qualquer ligeiro affecto.
De innocente coração.

Mas quando os volves furtivos.
Para mim, e após aos céos;
Então é que nada iguala,
A's graças dos olhos teus.

Então é que mesmo os anjos.
Não tem uns olhos eguaes;
Quando assim de amor se inundam,
Então é que gosto mais.

mem; e qual é essa ideia em Napoleão I?

O seu egoísmo desmedido, estreito, singelo e ridiculo, que se julgou com direito a coroar-se, que exigia as homenagens da França e da Europa, servirá para caracterizar uma grande ambição e não um grande genio. O heroe moderno deve individualisar o espirito dominante, dar-lhe a paixão, o vigor, a forma do seu espirito, o poder e a acção da sua vontade, distinguir o que elle tem de pratico em relação á sua época, proseguil-o e applical-o.

VII

No decreto que fez elegar a assembléa para o fim especial de negociar a paz com a Prussia, reservava-se ao povo francez o direito do se pronunciar ainda sobre os actos d'ella e de escolher posteriormente a forma de governo que lhe conviesse.

Se não havia um poder legal capaz de a dissolver, também lhe faltavam aquelles poderes que são inherentes ás assembléas politicas. Competia-lhe apenas firmar um tratado com um certo paiz, e terminada esta missão não podia invocar principio algum para subsistir e muito menos como soberana.

Não era preciso dissolver-a, por que esse acto só se applica áquella especie d'assembléas: bastava dar-lhe por acabados os seus trabalhos.

Pela mesma razão o despedil-a não podia considerar-se um golpe de estado, por não havia a destruir um poder legalmente constituído; antes era o dever do governo interino. Se elle presistio em governar foi uma violencia, uma arbitrariedade apenas consentida em virtude das circunstancias extraordinarias em que se achava a França n'essa triste epocha ou por assim convir á politica de Mr. Thiers, como eu supponho, ou pelo receio que uma nova eleição, acabando a situação equívoca e provisoria, viria perturbar a ordem. Mas é para as grandes tormentas que são os bons pilotos: não se é grande estadista senão para conduzir bem as nações atravez dos perigos. E nenhuma occasião era melhor do que essa que perdeu o ex-presidente para dar uma direcção natural á politica franceza e para evitar a lucta que se antevia seria curioso que Mr. Thiers houvesse só contribuido para a restauração presumivel dos Orleans, ou dos Bonapartes, quando pretendia estabelecer a republica definitiva.

VIII

E Mr. Thiers devia sobre tudo attender a que a assembléa não era nem legal nem moralmente a expressão politica da França. Depois do mau successo das ultimas luctas

os francezes em grande maioria só desejavam o socego; e por isso para essa assembléa, cuja unica missão era sancionar um tratado com os prussianos, escolheram sem distincção de partido aquelles que se revelavam mais favoraveis á paz. Por este motivo muitos radicaes votaram nos seus adversarios, e a assembléa sahio mais monarchica que republicana. Apenas reunida fez manifestações politicas, injuriou o governo provisorio, e pôz em desconfiança os republicanos e o povo da capital, que tanto havia soffrido e que ainda se conservava armado.

Gambetta declarou que não crearia difficuldades ao seu paiz; e do governo provisorio demittiu-se expontaneamente. Os partidos com toda a abnegação praticada estiveram tranquilos tanto durante a presença das armas invasoras, como depois. E' sem rasão que se attribue a Thiers a conservação da ordem. Todos os jornaes francezes são accordes em affirmar que se M. Thiers se applicou com ardor á tarefa dos ministerios, na qual era muito experiente, muito também coadjuvaram a prudencia e o bom juizo dos partidos, que se obstiveram das suas luctas e rivalidades durante a crise.

O ex-presidente ligou o seu nome a todas as exorbitancias da assembléa, e foi quem exorbitou mais proclamando a republica definitiva contra o pacto de Bordeus que devia ter mantido.

(Continua)

Lourenço d'Almeida Medeiros.

EM JUSTA DEBENZA

(A lenda d'uma apostasia... politica)

Como é pobre de memoria o sr. Dr. Sobreiras! Logo nas primeiras paginas do seu «livro aberto» sobre a minha apostasia... pratica affirma que ao tempo em que a igreja d'Esmoriz vagou e foi posta a concurso estava no poder o partido progressista, quando toda a gente sabe que era o partido regenerador que lá se encontrava e despunha dos sellos do estado! Nada, Deus não o fadou para historiador!

E visto que a proposito d'aquelle concurso s. ex.^a baralhou factos e deturpou intensões, ministrando-nos não uma historia; mas um amontoado de falsidades e de mentiras, eu vou contar como os factos se passaram e esforçar-me-hei por me não arredar um só apice da verdade. Essa historia deve ser assim feita para que todos conheçam bem a *nossa crapeira moral* e avaliem o valor do seu «livro aberto.»

As pessoas que me conhecem

brindes, Miguel, sinto-me tão feliz por me encontrar contigo, que beberia demais, se aqui me demorasse.

—O meu sentimento iguala o vosso, e mais intenso será quando chegarmos á presença de minha irmã. Não me sinto á vontade como vós, n'este palacio mysterioso: parece-me que sou expiado, ou que amedronto alguém. Ha aqui tal silencio e isolamento que julgo anormaes. Não se ouvem passos, ninguém apparece como em qualquer outra casa.

Estamos aqui furtivamente, e furtivamente nos observam também. Em quasquer outra parte partiria um vidro para saber quem estava de traz d'esta cortina... e ha pouco, na galeria accorda-me um grito, como nunca ouvi outro de igual inflexão, e de não poder explical-o terrivelmente me inquietou.

—Com certeza, um grito?

—Como assim, se estando eu d'aqui tão pouco distante nada ouvi? Sonharias!

—Nada! nada! ouviu-o duas vezes, um grito debil, é verdade, mas tão nervoso e d'um accento tão particular que sinto o coração agitar-se ao recordal-o.

—Ah! Ora ahí está o teu espirito romanesco! Ainda bem que te

sabem que os sete annos que passei em Oliveira do Douro, foram para mim sete annos de sofrimentos e que possuindo até para lá ir uma saude de ferro, me vi alli perdido, tendo por vezes de guardar o leito durante mezes e mezes. Em vista disso os meus medicos, os ex.^{mos} snrs. drs. Castro Soares, d'Espinho, e Anthero Macedo, de Gaia, aconselharam-me a mudar de clima e a retirar, se podesse, para a beira-mar, donde era natural e onde sempre me dera bem.

Informado nessa occasião por um amigo de que ia vagar e ser posta a concurso a igreja d'Esmoriz, preparei-me para ir a esse concurso, visto que a freguezia me servia não só, por ficar perto da estação ferroviaria, mas também por demorar a dois passos d'Espinho, donde sou natural.

Quanto a rendimentos não era ella superior áquella que eu deixava, mas dava o bastante para a minha honesta sustentação e para manter um coadjutor que me ajudasse parochial-a. Isso me bastava.

Estava, era certo, no poder o partido regenerador, mas como se dizia que dentro em pouco cahia e seria chamada a formar ministerio o illustre chefe do partido progressista, em que eu sempre militará e de que era um soldado fiel e dedicado, não me seria difficil conseguir d'elle o ser nella apresentado, se tal facto se desse.

Tendo de ir nessa occasião a Lisboa procurei o meu ex.^{mo} amigo, sr. Conselheiro Correa Leal, venerando e respeitabilissimo Juiz do Supremo Tribunal de Justiça, e fallei-lhe no caso pedindo-lhe que fizesse com que o nobre chefe do partido progressista se compromettesse a despachar-me, se o despacho viesse a ser dado, quando o nosso partido estivesse no poder. S. ex.^a assim o prometeu.

Aberto o concurso, a elle fui com o meu requerimento, aguardando em seguida os acontecimentos.

Pouco depois deu-se a scisão franquista e, quando toda a gente contava ver o ministerio em terra elle dissolveu as camaras, fez eleições e ficou... Fiquei arreliado e confesse que perdi a esperança de obter o despacho.

Passados dias, porém o meu amigo e condiscipulo, de collegio, Julio Dias, de Gaya, mandou dizer-me que me desejava fallar.

Procurei-o e, logo que nos avistamos, disse-me elle. «Consta-me que és um dos concorrentes á igreja d'Esmoriz e que desejas ser nella apresentado. E' verdade?»

E', respondi; mas sou progressista e por isso... cruzeis.

«Não é tanto assim, replicou elle. Eu sou, como sabes, intimo amigo do Administrador d'este concelho, o dr. Moreira de Souza, e elle não só a meu pedido, mas

tambem, porque lhe convem politicamente que tu saias do concelho para fóra, está prompto a pedir por ti ao sr. Ministro da Justiça. Aceitas?»

«Não posso responder já, repliquei;

Preciso ouvir antes o P.^o J. que me tem guiado nesta empreza e só depois de o fazer é que te posso dizer se aceito ou não e as condições em que posso aceitar os teus bons serviços e os do Ex.^{mo} Administrador.

«Pois então vae ouvir esse amigo e volta.»

Fui, e ouvi a sua opinião, segundo o qual eu devia aceitar-os, mas com a condição de politicamente ficar, onde estava, ou quando muito promettendo apenas abster-me por completo da politica. Transmitti ao meu amigo Julio Dias essas condições. Concordeu com ellas e alli ficou assente que o sr. Administrador de Gaya escreveria immediatamente ao illustre Ministro da Justiça a pedir-lhe por mim. Fel-o e S. Ex.^a respondeu que fazia tudo o que podesse para lhe ser agradável.

Tempos depois o sr. Conselheiro Campos Henriques veio ao Porto e convidando-me o sr. Administrador de Gaia para uma conferencia com S. Ex.^a aceitei e nella expuz as condições em que o despacho me convinha, sendo as mesmas que apresentara aos meus amigos Julio Dias e dr. Moreira de Souza; s. ex.^a ouviu-me e, depois de nos dizer que a commissão executiva do partido regenerador d'Ovar, conjuntamente com os deputados regeneradores do districto d'Aveiro, lhe havia pedido por outro, concluiu d'este modo:

«Se entre os concorrentes bem informados houver um regenerador, é esse que eu despacharei e se forem todos progressistas, preferir-o-hei a si.

E' provavel que os meus amigos d'Ovar procurem levantar attrictos ao seu despacho, mas, se isso acontecer, eu me encarrego de os applanar». E applanou como de todos é sabido e despachou-me.

Foi assim que os factos se deram e os seus protogonistas não podem desmentir-me.

Fé politica, sr. dr. só uma tive em toda a minha vida. Foi... a progressista.

Bebi-a no berço, sorvi-a dos labios e dos exemplos de meu pae e porisso ella se me inkistou na ama. Por ella luctei annos e annos, sacrificando por vezes interesses e até a propria saude. Ai quantas vezes, quantas expuz a vida por ella! Está ainda vivo um dos chefes debaixo de cujo commando combati! E' o ex.^{mo} sr. dr. Agostinho Rego. Que elle diga o que fui e o que para mim pedi ao meu partido. Pedi-lhe, sim, pedi-lhe favores, mas para as freguezias que parochiei e para os

nostros correligionarios; para mim para meu interesse pessoal nem um só! Fumos de mando nunca me toldaram. Esforçar-me apenas por ser um soldado leal e dedicado do partido, obedecendo cegamente á voz do meu chefe. Nunca sollicitei logares de distincção e, quando me foram offerecidos, regeitei-os! Nunca fui um irrequieto e entriguista no seio do partido.

Quando as luctas surgirão trabalhava como os que mais trabalhavam e nunca me neguei ao cumprimento de qualquer missão de confiança para que elle me designasse por mais difficil e custosa que fosse.

Despachado, porém, para Esmoriz por ministro regenerador todos sabem o que fiz. Surgiu uma eleição e eu metti-me em casa e deixei á vontade os dois partidos.

Todavia a consciencia dizia-me que devia regressar á politica não por causa dos meus interesses particulares, mas por causa dos interesses da freguezia de que sou parcho. E' que Esmoris tem necessidades importantissimas que precisam ser remediadas e quanto antes, não sendo a menor a conclusão da sua estrada do mar. Quando se deu a scisão da concentração liberal, lembrei-me de escrever ao illustre governador civil deste districto a offerecer-lhe os meus humildes serviços, pedindo-lhe em troca que conseguisse do governo a conclusão d'aquella estrada.

Prometteu-me s. ex.^a e eu estou á espera do cumprimento dessa promessa. Estarei pois a seu lado, auxilial-o-hei em tudo o que poder com a esperança firme de que elle ha-de fazer com que o governo mande ultimar aquella obra. O sr. dr. Sobreiras diz que eu me passei para o franquismo levado pelos desejos do mando.

Toda a gente sabe que isso não é verdade. Fal-o-hei e com toda a boa vontade se aquella obra for concluida.

E' por ella que estou prompto a sacrificar-me e não por outro qualquer motivo.

Neste caso eu aceitaria qualquer pedrada, se ella me viesse, por exemplo, das mãos dos snrs. drs. Soares Pinte ou José Antonio d'Almeida.

Mas das suas não, porque o sr. dr. Sobreiras não pode atirar-me taes pedradas.

S. ex.^a não prometeu aos progressistas acompanhá-los se elles o nomeassem notario? Prometteu, isso é por demais sabido.

Apanhou o despacho e como procedeu? Como todos nós sabemos.

Ainda agora não é verdade ter-se offerecido aos franquistas com a condição delles lhe collocarem um filho na Administração do concelho?

parte os argentarios, a nobreza da Catania e das cidades circumvisinhas.

Reunia-se todos os annos a alta sociedade d'aquelles sitios para darem um baile de subscrição, em beneficio dos pobres; todo os personagens, proprietario d'um vasto local, quer na cidade ou no campo, cedia a sua casa, e fazia até á sua custa uma parte das despesas da festa, se os meios lh'o permitiam.

Não obstante ser a princeza muito caritativa, a sua inclinação para o isolamento fizera-lhe adiar a offerta do seu palacio; chegara-lhe, emfim, a vez, foi magnifica a sua resolução, a de encarregar-se de todos os despendios —decorações, musicas, cêa, etc. Mediante esta liberalidade, o beneficio destinado aos pobres prometia ser muito consideravel; sendo o palacio da Palmarosa, a mais bella residencia d'aquella região, e em condições de receber d'um modo faustoso, devia ser a mais deslumbrante festa d'este genero.

Continua.

Clara de Miranda.

FOLHETIM

O PECCININO

Ou

O Bandido Nobre

Por

GEORGE SAND

E' sem duvida uma dama muito liberal e não menos generosa, replica Miguel, suspirando, mas não abusarei da sua bondade; envergonho-me de ser tratado como artista ao lado de meu pae operario. Não, não, eu também sou operario, nada mais, nada menos. Não quero que me distingam entre os meus collegas; se esta noite como aqui, comerei amanhã on de comer meu pae.

—Está bem, Miguel, tens sentimentos nobres. A' tua saude. Este vinho de Siracusa anima-me, e faz-me parecer o cardeal menos temivel que as mumias. Mas, para onde estás a olhar?

—Julgo ver agitar-se aquella cortina, pelo lado de fóra dos vi-

E'. A Ovar veio parar a carta em que s. ex.ª fez esse offerecimento.

Não lh'o aceitaram, porque ceiteiro que faz um cesto...

Ora á vista disto, snr. dr. vamos a medir a vossa craveira moral. Não lhe parece que a minha fica alguns pontos a cima da sua?

Antes de terminar desejo chamar a attenção dos leitores para o facto seguinte. O sr. dr. Sobreira confessa que o correspondente de Cortegaça para o seu jornal não sabe o que escreve e que é elle quem lhe faz a prosa e por outro lado esse correspondente diz em Cortegaça e onde quer que se encontre que lhe manda uma cousa e elle publica outra. D'isto concluo que a s. ex.ª pertence a paternidade de tudo o que no seu jornal vem publicado e se refira á minha humilde pessoa.

Mas que os leitores avaliem este procedimento de s. ex.ª.

No artigo sobre a minha apotasia apresenta-se com a sua casaca conselheiral, todo apumado de luva branca, emfim como um homem que se preza e nas correspondencias de Cortegaça despe a sa casaca, arregaça as mangas da camisa, atira o chapéu para a nuca e arremessa-se a um lodacal para de lá me atirar punhados de lama ou procurar ferir-me com a sua navalha de ponta e molal! E' isto digno, snr. dr. E v. ex.ª julga que não me assiste igual direito? Ora vamos.

Já disse a V. Ex.ª que lhe responderia á letra e creia que estou fazendo sobre mim mesmo um esforço inaudito para desde já não o fazer!

Mas fique certo de que se continuar... as ouve.

E vós, meus caros leitores, se me virdes enveredar por tal caminho, não me censureis. Ferido, assiste-me o direito da defeza...

P. Lima.

Segue lá o teu processo que breve irás parar além do inferno tres cabos de machados.

—Viva, colega. Então tóca a passear, hein?

—E' verdade; passear um pouco.

Vamos a aproveitar emquanto Bráz é thesoureiro.

—O que! Pois o nosso colega Braz é agora thesoureiro d'alguma associação ou banco?

—Ah, ah, ah, ah... Homem, tu estás doido! Pois tu julgavas o Braz em condições de ser thesoureiro de banco?

—Lá isso não; e por essa razão me admirei de tu dizeses queias aproveitando emquanto Braz é thesoureiro!

—Ih, ih, ih... Homem, agora digo eu que tu és maluco! Canté; se tu e eu apanhávamos que o Bráz fosse thesoureiro d'algum banco... então estavam nós governados: juro-te que não andávamos com as algebeiras a tenir ó beáto como andamos. Mas o Bráz é tão thesoureiro como nós somos.

O thesouro d'elle deve limitar-se a alguns dois ou tres tostões que ás vezes se lhe agarram aos dedos em algum distraimento do patrão.

—Mas ainda esse thesouro é de pouca dura: O muito, até ao primeiro dia d'encerramento.

—Lá isso é natural. Mas o pior é que o encerramento vai-se como bogálho que a cheia leva. Por isso vamos a aproveitar hoje que será o ultimo domingo.

—O' colega: juro-te que cada vez te percebo menos! Ha bocado disseste-me: vamos a aproveitar emquanto Bráz é thesoureiro. Agora dizes-me que vamos a aproveitar que será o ultimo domingo... Palavra d'honra que não te percebo!

—Então, na verdade, tu não me comprehendes, colega?

—Juro-te que não!

—Homem: [Então tu não sabes

que quando a gente gosa de qualquer beneficio e este goso está em vista d'acabar, costuma-se dizer: Tóca a aproveitar emquanto Bráz é thesoureiro.

—Até ahí sei eu, mas o que eu não sei é o que queres dizer com isso!

—Palavra d'honra, colega: Sempre és bem cabeça d'arrózl!

—Homem; não venhas já com improperios. Para eu ouvir essas palavras tenho muito tempo durante a semana porque o raio do patrão nunca é farto de me atirar com essas e outras ainda pióres.

—E n'esse ponto dou-lhe razão; pois se tu não me comprehendes em coisas que te interessam como diabo poderás comprehender coisas que sejam do interesse do teu patrão! Está visto e claro que és um cabeça d'arroz e até de... —Coléga, coléga!... Por Deus ou pelo diabo não me fales mais em arrózl! Explica-te bem, faz a narrativa clara do que desejas, que eu advinhe e depois veremos.

—Oh grande cabeça d'arr... Juro-te que se eu fosse teu patrão batias com as ventas no balcão a cada estante. Pois tu não sabes o que eu quero dizer? Tu não lês os jornaes? Tu não vês que em breve ficaremos espoliados da nossa liberdade actual, cabeça d'arr... —O que?... —O que... o que... o que...

Homem; tu nem digas a ninguem que já és um segundo caixeiro porque, na verdade, qualquer marçano, capitão de vassoura, é mais inteligente de que tu és. Pois tu, realmente, andarás por ahí feito ásnó, sem freima nem cuidado, sem te lembrar que dentro em breve ficaremos sem as vinte e quatro horas do descanso semanal?!

—Que dizes tu colega? Nós ficar sem as vinte e quatro horas de descanso semanal?!

—Sim Senhor! Sem o descanso semanal é que nós ficaremos e muito breve. Então, comprehendes-me agóra?

—Juro-te, coléga, que cada vez te compreendo menos e, se te compreendo, para te dizer o que sinto, não me acredito no que dizes!...

—Pois podes acreditar: Breve verás a realidade das minhas palavras.

—Isso não pode ser, coléga!

—Que não pode ser dizel-o tu porque, afinal, não vês um palmo diante do nariz. Se visses; se tu lèsses os jornaes já vias o que ia e não dizias que não podia ser.

—Pois é justamente por eu vêr e lêr que não acredito no que dizes a tal respeito. Tu estás patética, coléga: O nosso descanso, emquanto o João Franco for João Franco, está garantido e bem garantido. O homem decretou, decretou; ninguem ha ahí que o fassa recuar.

—Pois decretou, decretou; e justamente porque elle decretou e tornou a decretar é que o descanso vai acabar. Ora ahí tens um verso que lhe deve mandar de presente quando elle decretar á terceira vèz; porque, afinal, logo que elle decreta a terceira vèz em condições edenticas á segunda nós ficamos logo prèsos ao balcão como burro á ergóla: Podes ter a certeza que vamos pagar aos patrões, por bom preço, todas essas vinte e quatro horas que lhes temos ro bado.

—Tu estás tólo, homem. Embóra tudo isso venha a acontecer, mas ainda longe: Antes d'isso ainda nós havemos de nos rir á custa dos patrões quando elles, d'hora avante, estiverem ao balcão a occupar o nosso logar e nós andar-mos a passeiar.

—Bóia mania te entrou na mioleira, amigo coléga! Pois tu acreditas que o teu patrão, o meu ou de qualquer outro, desde que tenha o estabelecimento aberto, te consente em sua casa desde que nós vamos passeiar e os deixe em serviço?

—O'lé; isso mesmo é que tem de ser: Foi justamente o que o Franco decretou novamente e que os patrões tem de cumprir á risca.

—Pois, coléga, se são essas as tuas aspirações podes deitar as

barbas de mólho que nunca as vês realizadas.

—Ora essa! Porque?

—Porque os patrões não são são parvós que se deixem ir n'este embrulho...

—Que remedio tem elles; é lei, o remedio é cumpril-a.

—Não cumprem tal, coléga. Essa te juro eu que não cumprem e se eu estivesse no logar d'elles tambem a não cumpria.

—Havias de cumprir tal qual como ella está escripta.

—Não cumpria; Juro-te que não cumpria e tinha bom remedio para isso.

—Que remedio tinhas tu? Responder pela transgressão, não é verdade?

—Qual transgressão nem meia transgressão. Aquí não ha transgressões que possam ser punidas com as penas da lei.

—Como não ha?

—Não ha mesmo. Na nossa terra não pode haver transgressores levados ao tribunal...

—Porque razão?

—Porque a ser punido um transgressor teriam de ser, quasi todos os negociantes e industriaes, punidos porque, á excepção de meia duzia, todos os mais tem transgredido.

—Isso não pode ser!

—Pode ser isso e mais ainda, porque, até as proprias auctoridades, seriam as primeiras chamadas a contas porque foram as primeiras a transgredir.

—Homem, tu ou estás tólo ou bêbado. Pois em que diabo transgrediram as auctoridades?

—Transgrediram porque não cumpriram a lei que os obriga a vigiar e punir os transgressores. Ora tu bem sabes, coléga, que cá no nosso concelho nunca as auctoridades deram um passo afim de encontrar os transgressores e fassel-os entrar na ordem.

—Há isso é verdade...

—Sabes tambem que ahí por essas aldeias ha estabelecimentos que até esta data ainda não encerraram as suas portas uma unica vez!

—Lá n'isso tambem tens razão...

—Não sei se sabes tambem que a auctoridade administrativa, ou quem a representa, teve conhecimento d'estes abusos e caso nenhum fez?

—Lá disse não sei, mas tem geito de ser verdade.

—Ora aqui tens tu a razão porque as auctoridades transgrediram e os mais seguiram-lhe as pingadas!

—Mas isso ainda não é fundamento bastante para que tu, se fosses patrão, não desses descanso aos empregados.

—E' fundamento bastante, porque, juntos comigo, haviam d'ir para o tribunal centenas de transgressores dos quaes, a auctoridade, fasia parte e na cabeceira da lista. Já tu vês que seria a mais en raçada comedia que se havia representado. Mas, voltando ao assumpto, quando este fundamento não fosse o bastante, havia outro expediente a seguir que dava resultado certo.

—Qual éra elle?

—Olha, coléga: Sabes que o Franco deu consentimento de estarem os estabelecimentos abertos dando os patrões liberdade aos empregados em dia que aquelles julgassem conveniente. Ora, sendo assim, eu não encerrava mais o estabelecimento nem mandava o empregado passeiar. Quando o empregado, fiado na lei, fosse passeiar sem eu o mandar deixava-o ir e no dia seguinte fazia-lhe contas e olho da rua.

—Isso não podia ser, coléga!

—Podia e póde. E podes ter a certeza que este caminho é o que os patrões vão seguir.

—Mas nós fazemos grève...

—Qual grève, N'esta terra, a nossa classe, não pode fazer grève e se a fiser, eu sou um dos que não adhiro a ella.

—Porque, coléga?

—Porque já me aborresse o descans. semanal, pelo menos tão exagerado.

—Não digas isso, coléga. Tu mostras que és um traidor á classe...

—Embóra seja. Mas antes quero sel-o, para a classe, do que sel-o para mim mesmo.

—Não te percebo, coléga!...

—E' bom de perceber, mas como tu és um cabeça d'arr... é preciso ensinar-te o padre nosso como ás creanças. Neste caso, ouve lá:

Depois que começou o descanso semanal eu nunca mais tive saude perfeita como até ahí gosa-va. Alem d'isso, o pequeno saldo que tinha em casa do patrão, já se exgotou. Diz-me lá. Para que me serve agóra o descanso, se eu já não tinha dinheiro para a pandega?!

—Finalmente, coléga, a saude é que está ruin, mas lá o dinheiro... o dinheiro... diabo, o dinheiro tem bom remedio.

—Hum!... Pois por isso mesmo coléga por isso mesmo é que eu odio o descanso semanal. Já que até hoje me tenho traido a mim proprio, prefiro d'ora avante traír a classe, porque, a seguir o processo que indicas, em breve eu iria parar a casa do diabo e nem a classe nem o João Franco me valia: Era traição sobre traição que recai-a sobre mim.

—Diabo! Estás um missionario de primeira ordem, coléga!... E' pena que não vás para a Africa pregar o Evangelho aos negros...

—Ail! Tu caçóas?... Pois segue lá o teu processo que breve irás parár, alem do inferno, tres cabos de machado...

B. X.

NOTICIARIO

TEMPO

Ora cébol...

O verão de S. Martinho, não quer vir, nem á mão de Deus-Padre!

A chuva parece que, tambem, está resolvida a não nos deixar, e, com franqueza, não vemos para que possa ella servir a não ser como se costuma dizer, para amparo das minhocas.

O que é certo, é que, o tempo pegou de chuva, e que se conservará assim por muitos dias.

Tem feito, ultimamente, um friosinho, d'aquelles de pellinho na venta, o que tem causado alguns defluxos.

A 21 de Março começa a Primavera, e Deus a traga; porque, n'essa quadra, o tempo sempre é mais amoroso.

PESCA

Houve, na quinta feira, trabalho de pesca, na costa do Furdouro, mas o mar teve a amabilidade de não dar nada.

Tempo fraco e fraca pesca, ora digam lá, se pode haver maior espiça?!

Na quarta-feira faz a lua quarta crescente.

Vamos a ver se nos cresce alguma coisa.

GOVERNADOR CIVIL D'AVEIRO

Foi exonerado do cargo de Governador Civil, do districto d'Aveiro, o snr. Leopoldo de Souza Machado, sendo nomeado para aquelle logar o Snr. Casimiro Sanchetti.

Audiencia Geral

No dia 8 do corrente, no tribunal d'esta comarca, responderam em audiencia de jury os reus Manoel Rodrigues do Espírito Santo, casado do logar da Boa Vista, Manoel Alves Fardilha, casado d'ahí, Manoel Joaquim Rodrigues da Silva, casado, do logar de Santa Cruz e Antonio Ribeiro da Silva, casado do logar da Boa Vista, os presos todos jornalheiros da freguezia d'Esmoriz, accusados de assassinio voluntario na pessoa de José do Espírito Santo, solteiro, jornalista, do logar da Estrada Nova da mesma freguezia.

O jury, por maioria, deu o crime por não provado, em razão de não haver prova alguma contra os réus.

A sentença absolutoria foi bem recebida.

ANNOS

Fizeram, na sexta-feira, annos os snrs. Joaquim Dias de Rezende e Augusto Dias de Rezende, filhos do nosso particular amigo o snr. José Maria Dias de Rezende.

E' hoje a primeira feira de cedavos no largo d'Almeida Garrett, vulgo, largo da Estação.

Dividas de fóros

Sabemos que a Camara Municipal, deste concelho, n'uma das suas ultimas sessões, deliberou executar judicialmente todos os devedores de fóros, afim de fazer entrar no seu cofre as respectivas importancias, que não foram pagas dentro dos prazo legaes.

Ahi fica o aviso.

PARA O BRAZIL

Partiu, na sexta-feira, para Lisboa, para d'alli seguir para os E. U. do Brazil, o nosso bom amigo o sr. Manoel d'Oliveira Folla.

Desejamos-lhe feliz viagem, e que Breve volte e nos diga que tudo lhe correu consante elle deseja.

Reuniões politicas

Consta que se realizará ainda este mez, em Lisboa, a assembleia geral do partido progressista, logo que alli chegue o sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Tambem se realizará, nos primeiros dias de dezembro, a reunião do partido regenerador.

S. Martinho

Trabalha-se activamente para a eleição de S. Martinho, que se realiza ámanhã, se não houver, á ultima hora, qualquer reviravolta.

O S. Martinho dispõe, n'esta villa, de muitos adeptos, e talvez até podessemos dizer que dispõe de quasi toda a população d'Ovar.

Para estas eleições, é que, ainda não se publicou uma lei indicando quaes as condições necessarias para se ter o direito de voltar. Todos são eleitores.

A isto é que se chama liberdade; de resto... foi-se tudo quanto Martha Aou.

DUELLO

Terça-feira de manhã realizou-se em Lisboa, proximo do Cruzeiro da Ajuda, um duello á pistola, motivado por uma discussão jornalística entre os sr. Alvaro Pinheiro Chagas, director politico do *Diario Illustrado*, e dr. Alberto Costa, *Pad-Zé*, collaborador do *Mundo*. Trocaram-se seis ballas sem resultado. Os adversarios não se reconciliaram.

Arrematação

1.ª Publicação

No domingo 1.º de dezembro proximo, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca e na execução hypothecaria que Manoel Gomes Laranjeira, casado, commerciante, da rua da Graça d'Ovar, move contra José Maria Ferreira Regalado e mulher Margarida Lopes, elle calafato e ella costureira, da rua de Baixo do logar de S. João d'Ovar, volta pela segunda vez á praça para ser arrematado por preço superior ao de metade da sua avaliação, visto não ter tido lançador na primeira praça que teve logar no dia 3 do corrente, como annunciavam os editaes passados em 3 de outubro ultimo, o predio seguinte:

Um predio de casas terreas com quintal, parte de poço e mais pertencas, entre as quaes se comprehende a servidão de pé e carro sobre o terreno ou quintal de Manoel Adelino, de natureza allodial sito na rua de Baixo do logar de S. João, d'Ovar, avaliado em 200\$000 rs. mas vai á praça no valor de 100\$000 rs.

Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos. Ovar, 6 de novembro de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

O Escrivão

Angelo Zagallo de Lima.

ADEGA DO LUZIO

Meu caro Luzio

Visto que, na 4.^a feira, não me quizéste vender vinho, por ser dia de descanso semanal para a classe dos taberneiros, pregueite a partida de não te FAZER VERSOS, d'esta vez.

Como sabes eu também sou filho de Deus; e por isso também preciso de DESCANÇO CEREBRAL SEMANAL.

Teu amigo

QUEM SABES!

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

PORTO.

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na **ALFAIATERIA DA MODA**

de **ABEL GUEDES DE PINHO**

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48

—OVAR—

Alfaiate natural da cidade de Aveiro, veio estabelecer-se em Ovar para poder fazer os Verdadeiros, antigos e elegantes GABÕES ou VARINOS AVEIRENSES mais baratos 2\$000 reis qual-quer outra casa AVEIRENSE.

E' elle o proprio, artista no genero, quem com toda a perfeição e esmero molha e corta todas as fazendas e não eintrega a alfaiates desconhecidos ao seu estabelecimento, como fazem todos os mercadores que trazem annunciado o GABÃO AVEIRENSE.

Lembra a V. Ex.^a que não se illudam com esses reclamista, sem consciencia do que annun-ciam, porque alguns até mandam fazer esses gabões a costureiras para os expor á venda no seu es-tabelecimento.

Eu responsabilizo-me pelo seu bom acabamento, para o que tenho pessoal competente-mente habitado, mas se por qualquer motivo o freguez não ficar satisfeito, torna-o a receber sem innemnisacão alguma. Todo o gabão elva a marca da casa para evitar enganar.

Tambem os faz a prestações s manaes de 500 reis.

Toma a responsabilidade por toda e qualquer obra sahida e execu-tada no seu estabelecimento tanto para homem como para creança. Forne-cem-se amostras de burel e todas as fazendas proprias para os mesmos GABÕES.

Preços varios em tamanhos e qualidades.

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

EXTRACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS
264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270 - PORTO

Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa)	200
Verdadeira significação dos sonhos	60
Rie das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões.	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	60
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	60
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borrallheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	60
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princeza Clotilde.	60
O abbade da Ramaldeira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira.	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica.	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso).	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formosa Mathildinha.	60
Historia da encantadora Mercedes	60

vende, em todos os domingos, na praça da hortalica, d'esta villa' calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encar-regando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modici-dade de preços, toda a encommen-ãa de qualquer obra concernente d sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encom-mendas, o proprietario virá tam-bem a esta villa, a caza dos fre-guezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente